

CAROLINE CARLSON

A QUASE HONROSA
LIGA DE PIRATAS

O Terror das Terras do Sul



Ilustrações
DAVE PHILLIPS

Tradução
ANDRÉ CZARNOBAI

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright texto © 2014 by Caroline Carlson
Copyright ilustrações © 2014 by Dave Phillips
Publicado mediante acordo com Rights People, Londres.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The Very Nearly Honorable League of Pirates: The Terror of the
Southlands

ILUSTRAÇÃO DE CAPA © 2014 by Pétur Antonsson

LETTERING DE CAPA David Coulson

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Renata Lopes Del Nero e Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carlson, Caroline

O Terror das Terras do Sul : A quase honrosa liga de piratas /
Caroline Carlson ; ilustrações Dave Phillips ; tradução André Czar-
nobai. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2014.

Título original: The Very Nearly Honorable League of Pirates :
The Terror of the Southlands.

ISBN 978-85-65765-49-7

I. Literatura infantojuvenil I. Phillips, Dave. II. Título.

14-10028

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5

2. Literatura infantojuvenil 028.5

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

UM



O RENEGADO APARECEU logo depois do café.

Hilary esperava por ele, e foi a primeira a vê-lo. De onde ela estava, no convés do *Pombo*, o navio distante não parecia nada além de um pequeno borrão escuro no horizonte, mas, quando levou a luneta ao olho, o borrão se converteu nas velas negras tremulantes e nas tochas incandescentes de um impressionante galeão pirata.

— O *Renegado* não é esplêndido? — ela disse, segurando a luneta de forma que a gárgula pudesse enxergá-lo também. — Não dá arrepios?

A gárgula deu de ombros da melhor maneira que uma criatura sem braços poderia dar.

— Quanto a isso não sei — ela disse —, mas parece muito uma aranha esmagada. — Ela abaixou a luneta e acenou

com a cabeça em sinal de aprovação ao galeão. — Agora, de volta ao trabalho. O que acha que soa melhor: *corajosa* gárgula ou *intrépida* gárgula?

Hilary deu um suspiro. Ela estava bastante acostumada a esse tipo de pergunta, já que alguns meses antes a gárgula decidira escrever um relato sobre suas emocionantes aventuras em alto-mar. Após diversas tentativas desastradas de segurar uma caneta com a boca, entretanto, ela acabou pedindo a ajuda da garota, que agora desperdiçava uma manhã perfeita tomando notas em vez de navegar em busca de uma de suas próprias aventuras emocionantes. Na verdade, já fazia um bom tempo que nenhum tipo de aventura cruzava o caminho de Hilary, e as tarefas cotidianas da vida em um navio pirata — lavar o convés, polir espadas e tirar o pó dos canhões — estavam começando a deixá-la bastante inquieta. Mas o capitão Dentenegro estava chegando para uma importante reunião, e onde quer que ele fosse a aventura o seguia. Hilary olhou para o mar, em direção ao *Renegado*, e desejou que chegasse mais depressa.

A gárgula a cutucou com a ponta da cauda.

— Desculpe! — disse Hilary. Com uma boa dose de esforço, desviou sua atenção do galeão para o pergaminho à frente. — *Intrépida* é interessante, mas você já se chamou assim cinco vezes só nessa página.

— É porque eu sou muito intrépida — disse a gárgula.

Hilary riu e escreveu algumas palavras no pergaminho.

— Sobre o que você acha que o capitão Dentenegro quer conversar? Ele quase nunca faz contatos pessoais.

Na verdade, ela só o havia encontrado uma vez, quando ele aparecera em sua porta um ano antes para agradecê-la por ter recuperado um tesouro mágico perdido há muito tempo. Tinha sido uma grande conquista pirata, mas Dentenegro certamente não tinha atravessado meia Augusta só para parabenizá-la mais uma vez.

— Acha que ele pode estar pensando em me promover? Ou em me enviar numa missão importante para a Liga?

— Talvez ele dê uma medalha a você pela sua bravura em alto-mar — disse a gárgula. — E talvez você possa dividi-la comigo.

O *Renegado* se aproximava. Por volta das onze da manhã, Hilary era capaz de contar suas velas. À uma da tarde, conseguia sentir o cheiro de suas tochas. E, às três e meia, ele atracou numa baía a poucos metros de onde o *Pombo* havia soltado sua âncora. Hilary acordou a gárgula, que cochilava, e deu uma última lustrada rápida no bico da bota.

— O capitão Dentenegro chegou! — ela disse, sem dar muita importância ao fato de que a maioria dos seus companheiros não estava perto o suficiente para escutá-la. Jasper Fletcher, pirata autônomo e capitão do *Pombo*, estava em terra firme, no vilarejo de Lagoa das Lontras, distribuindo o tesouro mágico entre os moradores. Seu imediato,

Charlie Dove, estava num bote, levando mais moedas mágicas diretamente do depósito de tesouros do navio para a costa de Lagoa das Lontras. A mulher de Jasper, Eloise Greyson, estava ocupada na popa do navio, onde administrava a única livraria flutuante de Augusta. Era uma pena que não tivessem a oportunidade de subir a bordo do galeão pirata mais magnífico de todo o reino, mas Hilary estava determinada a memorizar cada detalhe do *Renegado* para contar tudo a eles quando voltasse.

Um pirata vestindo uma camiseta listrada esfarrapada baixou um barquinho do convés do *Renegado* e remou pela baía até bater contra a lateral do *Pombo*, num solavanco brusco.

— Hurra! — ele gritou. — Vim buscar a pirata Hilary Westfield. Ela é esperada para uma conversa com meu capitão, e não tem discussão.

A srta. Greyson espichou a cabeça para fora da livraria.

— Que raios foi essa batida? Quase derrubou todos os romances policiais em cima de mim.

— Hurra! — gritou o pirata mais uma vez. — A senhora é a pirata Hilary Westfield? É muito mais mal-humorada do que eu esperava.

A srta. Greyson apertou os lábios para evitar que um xingamento escapasse, e Hilary abanou os braços na direção do pirata.

— Eu sou a pirata Westfield — disse. — Você é o imediato do capitão Dentenegro?

O pirata abriu um sorriso, exibindo a boca cheia de dentes de ouro.

— Isso mesmo. Meu nome é Twigget.

— Bem, é um prazer conhecê-lo, sr. Twigget. — Hilary enfiou a gárgula dentro da sacola de lona, colocou-a sobre o ombro e pendurou uma corda na lateral do navio. — E certamente não pretendo discutir. Sei que o capitão está ansioso para me ver, e também estou ansiosa para vê-lo.

A srta. Greyson ficou olhando de braços cruzados enquanto Hilary descia com a gárgula até o bote.

— Esteja de volta na hora do jantar, por favor — disse. — E lembre-se das boas maneiras.

— Ela era minha governanta — Hilary confidenciou ao sr. Twigget —, e temo que ainda exista um pouco de governanta dentro dela. — Hilary acenou para a srta. Greyson e prometeu que estaria de volta a tempo de jantar, ou, na pior das hipóteses, de comer a sobremesa.

O sr. Twigget começou a remar, e o bote foi guinchando e gemendo ao longo do trajeto pela baía, até colidir com o *Renegado* e quase jogar Hilary no mar. Quando ela recuperou o equilíbrio, o sr. Twigget a conduziu por uma trêmula escada de corda até o convés do galeão.

— Se não se importa de tirar as botas — ele disse —, o capitão gosta de manter o navio limpo. — Ele apontou para um enorme caixote de madeira, onde a palavra BOTAS estava escrita com tinta vermelha. — E vamos precisar

da sua espada. — Ele apontou para o caixote de madeira que dizia ESPADAS.

Hilary hesitou. Afinal de contas, ela havia lustrado suas botas especialmente para a ocasião, e era totalmente antipirático deixar sua espada nas mãos de outro pilantra. Mas, enfim, aquele era o navio do capitão Dentenegro, e não seria muito inteligente desobedecer suas ordens.

— Vou poder pegar de volta, certo? — ela perguntou, enquanto puxava o sabre do cinto.

— Sim, claro. Se sobreviver. — O sr. Twigget riu e deu um tapa nas costas dela. — É brincadeira de pirata, srta. Westfield.

— É pirata Westfield, muito obrigada — disse Hilary. Ela não tinha muita certeza se gostava da piada do sr. Twigget, e empinou-se um pouco mais para compensar a ausência das botas. — Faria a gentileza de me levar até os aposentos do capitão Dentenegro?

— Ah, você não vai encontrar o capitão em seus aposentos, maruja. — O sr. Twigget ergueu os olhos em direção às velas tremulantes do *Renegado* e apontou. — Ele está lá em cima, no cesto da gávea.

— E não vai descer para falar comigo?

O sr. Twigget balançou a cabeça.

— O capitão Dentenegro gosta de uma boa vista. É melhor você se apressar e começar a subir, porque ele não gosta de ficar esperando.

Hilary imaginou que não havia por que protestar; ela

não estava a fim de entrar numa discussão com o sr. Twigget sem seu sabre.

— Muito bem, então — disse, fazendo um breve aceno com a cabeça para Twigget. — Se o capitão Dentenegro prefere ficar no cesto da gávea, é pra lá que eu e a minha gárgula iremos.

Os outros piratas da tripulação do *Renegado*, que arrasavam barris de rum da cozinha e lustravam os enormes canhões de bronze que ficavam a bombordo e a estibordo, interromperam suas tarefas e observaram Hilary atravessar o convés. Todos eles também estavam descalços, mas não tinham sido obrigados a entregar suas espadas.

— Ela é o Terror das Terras do Sul? — alguém na multidão comentou com companheiros. — Não esperava que fosse essa coisinha ridícula.

Hilary enterrou as unhas nas palmas das mãos, mas não disse uma palavra. Um pirata de verdade jamais deixaria que um pilantra ignorante daqueles a perturbasse — embora não tenha repreendido a gárgula quando botou a cabeça para fora da sacola e rosnou para a tripulação do *Renegado*.

— Eu os teria mordido se me deixasse chegar mais perto — a gárgula disse.

— Isso é muito gentil da sua parte — disse Hilary. Ela olhou para as velas negras do navio e engoliu em seco. — Com certeza é uma subida e tanto até o cesto da gávea.

— A gente realmente precisa ir até lá em cima? — per-

guntou a gárgula. — Parece uma maneira muito estranha de Dentenegro nos conceder uma medalha de bravura.

— Tem mesmo alguma coisa muito estranha nesse encontro — concordou Hilary. Mas talvez fosse um teste de Dentenegro. Bem, se fosse o caso, ela não tinha a menor intenção de fracassar. Charlie a havia ensinado a subir até o cesto da gávea do *Pombo*, e, quando seu pai era almirante da Marinha Real de Augusta, ela costumava se balançar nas cordas dos navios sempre que ele não estava prestando atenção nela, o que acontecia bastante. — É melhor você não olhar para baixo — Hilary disse para a gárgula, enquanto começava a escalar. — Sei que tem medo de altura.

— Não é da altura que tenho medo — respondeu a gárgula, das profundezas da sacola. — É de cair lá de cima.

— Nesse caso, você não tem nada com que se preocupar. Vou mostrar pro Dentenegro e pra toda a tripulação dele a coragem que existe dentro de mim.

— Se você se esborrachar no convés, eles vão ver o que existe dentro de você *mesmo* — disse a gárgula, em tom de brincadeira. — E não vai ser nada bonito.

Àquela altura, a tripulação do capitão Dentenegro tinha se reunido abaixo dela, todos olhando para cima, dedilhando impacientemente nas pernas de pau e levantando os tapa-olhos para enxergar melhor. Hilary cerrou os dentes e escalou até que os piratas curiosos fossem nada mais que pontinhos minúsculos debaixo de seus pés. Ela escalou até ver o *Pombo* flutuando como um brinquedo na

baía abaixo dela, até que as nuvens estivessem mais perto do que tinham o direito de estar. Por que raios o *Renegado* tinha que ser tão absurdamente alto? E por que seus ombros ousavam doer de forma tão violenta? Quando finalmente chegou ao cesto da gávea, ela deu um impulso para cima e caiu sentada no chão, bem em frente a um par de botas negras lustrosas.

— Pirata Westfield — disse o capitão Dentenegro (já que era ele o dono das botas). — Minha nossa. Eu estava começando a achar que você nunca chegaria.

Hilary ficou de pé toda atrapalhada, pôs a sacola no chão e estendeu uma mão machucada para cumprimentar Dentenegro.

— Peço mil desculpas, senhor. Pensei que piratas tivessem o costume de chegar atrasados.

— Eles têm — disse o capitão Dentenegro —, mas não gosto desse costume. — Ele apertou a mão de Hilary de uma forma calorosa, e ela fez o máximo que pôde para não se contorcer. Era muito peculiar, pensou, que o presidente da Quase Honrosa Liga de Piratas tivesse uma aparência nem um pouco assustadora, pelo menos à primeira vista. Ele não tinha tapa-olho, perna de pau ou gancho, e as rugas nos cantos dos olhos levavam Hilary a suspeitar que, às vezes, quando ninguém estava olhando, ele se permitia sorrir. Mesmo assim, ele tinha uma aparência muito mais pirática do que todos os seus marujos juntos. Talvez porque fosse o único ali que podia usar botas.

— Vejo que trouxe sua gárgula. — O capitão Dentenegro levantou a sobrancelha olhando para a gárgula, que havia saltado da sacola de Hilary. Em seguida coçou o queixo e se inclinou na direção dela. — Tem certeza de que é uma boa ideia ter uma gárgula como animal de estimação? Não acha que um papagaio seria mais adequado?

A gárgula engasgou de horror.

— Ela não é um animal de estimação, senhor — disse Hilary. — É minha amiga, e também pirata.

— Isso mesmo — disse a gárgula. — Tenho um chapéu e tudo.

— Ah. Interessante. — O capitão Dentenegro tirou um par de óculos do bolso e o equilibrou sobre o nariz. — Mas a pirata Westfield e eu temos assuntos mais urgentes para discutir. Sabe por que as chamei aqui?

— Pra nos dar uma medalha? — perguntou a gárgula, esperançosa.

O capitão Dentenegro franziu o cenho.

— Me disseram que quer discutir um assunto de grande importância, senhor — disse Hilary. — Mas temo não saber a que se refere.

— Eu me refiro a isto — disse o capitão Dentenegro, enfiando a mão no casaco pirata e tirando de lá uma folha fina de papel, que entregou a Hilary.

❖ ADVERTÊNCIA
DE COMPORTAMENTO ANTIPIRÁTICO ❖

Esta advertência atesta que a
Pirata Hilary Westfield
está sendo acusada de violar as
Regras de Conduta da Quase Honrosa
Liga de Piratas e de se comportar de maneira
bastante inadequada.

Esta é a

☒ primeira advertência ☐ segunda advertência ☐ terceira advertência

Hilary ficou olhando para a advertência. Leu tudo três vezes, depois mais duas de trás para a frente, mas as palavras no papel se recusavam a mudar. Olhou para o capitão Dentenegro para ver se ele estava brincando, mas sua expressão severa indicava claramente que não estava.

A gárgula a cutucou com o focinho.

— O que diz aí? — perguntou. — É coisa boa?

Hilary dobrou o papel até virar um quadradinho e o enfiou o mais fundo que pôde no bolso de suas calças.

— Não — ela disse —, não é nada bom. Estou sendo acusada de comportamento antipirático. Mas deve ser um engano, pois estou certa de que não fiz nada para merecer isso.

— Temo que o que você *não* fez é precisamente o problema. — O capitão Dentenegro desenrolou um pergami-

nho comprido. — De acordo com meus registros, você não compareceu ao baile anual de férias da Liga, recusou-se a comprar nossa rifa dos bucaneiros e não participou nem uma vez das nossas degustações mensais de rum.

Hilary percorreu com os olhos o pergaminho, que parecia uma enorme lista de todas as maneiras como havia fracassado em ser uma boa pirata.

— Visitei minha mãe nas férias, senhor. Quanto ao rum, a srta. Greyson não é muito favorável a ele, exceto em ocasiões especiais.

— Srta. Greyson? — A expressão do capitão Dentenegro ficou mais séria. — Ela era sua governanta, certo?

— Bom, sim, mas agora ela é dona de uma livraria e...

— Isso é grave. Muito grave, na verdade. Mas confirma nossas suspeitas.

O capitão Dentenegro ergueu o pergaminho e apontou para um item perto do topo da lista.

— Relaciona-se com uma governanta — Hilary leu em voz alta. — Não tem papagaio.

— Você não pode estar falando sério — disse a gárgula.

O capitão Dentenegro deixou o rolo de pergaminho de lado e olhou para Hilary.

— Pra ser sincero — disse —, esses pequenos desvios não me incomodam muito. Ser um pirata de verdade não é uma questão de comprar ou não rifas, e geralmente a pirataria requer certo desrespeito ao bom comportamento. Mas, diga-me, pirata Westfield: quando foi a última vez que

puxou sua espada contra um inimigo? Ou roubou a pilhagem de um colega bucaneiro? — Ele fez uma pausa. — Quando foi a última vez que saiu navegando atrás de uma emocionante aventura em alto-mar?

O cesto da gávea balançou quando uma onda lançou o *Renegado* para a frente, e Hilary teve de lutar para manter o equilíbrio.

— Acho que já faz um tempo.

— De fato, faz — disse o capitão Dentenegro. — Espero que entenda que tudo isso me coloca numa posição bastante delicada. Quando encontrou o tesouro que a Encantadora das Terras do Norte havia escondido, a QHLP ficou profundamente impressionada, e é claro que ainda somos gratos por ter trazido uma quantidade tão grande de magia de volta ao reino. Isso tornou os furtos e os saques muito mais fáceis para todos nós. — Ele abaixou a voz. — Então, é claro, temos a questão do seu pai. Você sabe, assim como eu, que ele teria capturado todos os pilantras do reino se você não o tivesse impedido de botar as mãos no tesouro. Só um pirata com o sangue mais frio de todos seria capaz de mandar o próprio pai para as masmorras.

Hilary hesitou.

— Obrigada — disse, enfim, pois achou que o capitão Dentenegro estava tentando elogiá-la. Entretanto, ela preferia que ele não tivesse mencionado seu pai. O almirante Westfield quase havia tomado o tesouro da Encantadora para si, mas Hilary o impedira, e ele acabou trancafiado

numa sombria cela de prisão. Ela tinha certeza de que seu pai nunca a perdoaria por tê-lo traído. Ainda assim, ele não era nada além de um bandido, e agora Hilary era o Terror das Terras do Sul. Não podia se permitir o menor arrependimento pelo que acontecera, já que aquele era um sentimento completamente antipirático.

— Quando a aceitei na Liga — continuou o capitão Dentenegro —, botei minha própria reputação em risco. Não eram poucos os algozes e pilantras contrários à ideia de aceitar a inscrição de mulheres, especialmente meninas da alta sociedade que deveriam estar na escola — ele acrescentou, praticamente se desculpendo.

— Mas não sou uma menininha! — disse Hilary. — Sou uma pirata!

— Foi exatamente isso que eu disse à Liga. Mencionei que não deveriam se preocupar e que você logo provaria ser a pirata mais terrível de todos os mares, mas temo que nos últimos meses você não tenha feito muito para impressionar seus colegas pilantras. Há rumores de que sua descoberta do tesouro da Encantadora foi um golpe de sorte, ou de que você não teria conseguido sem a ajuda de Jasper Fletcher.

Hilary prendeu a respiração.

— Isso é completamente absurdo.

— Absurdo ou não, se não fizer alguma coisa para provar que esses rumores são falsos, nós dois seremos alvo de chacota em alto-mar. — O capitão Dentenegro olhou para

Hilary por cima dos óculos. — Eu não gosto de ser alvo de chacota. E você?

O vento fez com que a trança de Hilary batesse em seu rosto, e ela a afastou. Estava se divertindo muito navegando pelo reino e ajudando Jasper a distribuir o tesouro, mas talvez não fosse o tipo de aventura com que tinha sonhado durante todos aqueles anos de aulas intermináveis e festas tediosas na mansão Westfield. Ansiara por trocar sua vida perfeitamente adequada e totalmente sem graça por uma cheia de aventuras em alto-mar, como as de que seu pai sempre se vangloriara. Mas, sem contar a vez em que ajudara Jasper a recuperar seu chapéu que havia caído na baía (e Hilary não contava), aquele encontro com o capitão Dentenegro fora o mais próximo que chegara de uma aventura em meses. Se as aventuras se recusavam a ir ao seu encontro, por que ela não deveria ir atrás delas? Não podia deixar Dentenegro e seus marujos acharem que era uma pirata de meia-tigela, e certamente não podia arriscar que um rumor daqueles chegasse aos ouvidos de seu pai.

— Não — disse Hilary. — Creio que também não gosto de ser alvo de chacota.

— Era o que eu imaginava. — O capitão Dentenegro acenou com a cabeça e ajustou os óculos. — Ainda assim, preciso tomar algumas providências para garantir que não vai me decepcionar, e é por isso que lhe proponho um desafio. Em vez de passar os dias ajudando o coração mole do sr. Fletcher com suas atividades altamente antipiráticas,

quero que realize uma tarefa corajosa e ousada, que vai provar para mim e para meus camaradas pilantras que você merece ser um membro desta Liga. Uma tarefa que só um verdadeiro pirata poderia realizar.

As orelhas da gárgula ficaram em pé.

— Está falando de uma aventura? — ela perguntou.

— É claro que estou falando de uma aventura! — O capitão Dentenegro berrou com tanta força que as orelhas da gárgula estremeceram. — É difícil ser corajoso e ousado quando se fica sentado num navio pirata, cerzindo meias. É muito melhor embarcar numa jornada rumo ao extremo norte para matar o monstro marinho que vem aterrorizando a cidade de Veranito há meses! Ou, se uma viagem desse tipo não a seduz, pirata Westfield, fiquei sabendo que há um líder pirata nos reinos meridionais que alega ser capaz de derrotar qualquer marujo em alto-mar num duelo. Talvez você seja a pessoa que vai provar que ele está errado.

Hilary nunca tinha visto um monstro marinho, muito menos matado um, e suas habilidades num duelo de espadas não estavam completamente à altura dos padrões da QHLP, mas ela não tinha intenção de compartilhar nenhum desses fatos com o capitão Dentenegro. Se ele queria que ela realizasse uma daquelas tarefas, ela simplesmente teria que dar um jeito.

— É claro que posso matar um monstro marinho — disse —, ou derrotar um pirata num duelo. Isso não deve ser problema nenhum.

— Fico feliz em saber. — O capitão Dentenegro pôs uma das mãos no ombro de Hilary. — Mas devo avisá-la que, se não conseguir me impressionar, sua carteirinha de membro será queimada e seu sabre será destruído. Nenhum pirata fiel à Liga terá permissão de se associar a você, e eu serei obrigado a fazê-la andar na prancha do *Renegado*, como se não passasse de um biltre do mar qualquer. Muitos patifes sobrevivem à queda... — O capitão Dentenegro baixou a voz. — Mas muitos não. Entendeu?

— Perfeitamente — disse Hilary. Ela era terrível o bastante para aguentar uma caminhada pela prancha (ou, pelo menos, esperava que fosse), mas, depois de todo o trabalho que tivera para conquistar um lugar na Liga, ser expulsa seria humilhante demais para suportar. — Você não tem nada com o que se preocupar, senhor. Serei mais corajosa e mais ousada do que qualquer outro pirata em alto-mar.

— É isso mesmo, capitão Dentenegro — disse a gárgula. — Hilary é a melhor pirata do reino, e eu sou, *definitivamente*, a melhor gárgula. Prepare-se para ficar impressionado!

— Farei exatamente isso — disse o capitão Dentenegro. — Por ora, contudo, preciso me despedir de vocês duas, pois fiquei de visitar minha sobrinha. — Ele pegou a mão de Hilary e deu outro aperto caloroso. — Volte depressa para casa, pirata Westfield. Escolha sua tarefa e, pelo amor de Deus, dê seu melhor para ser corajosa e ousada.

Hilary enfiou a gárgula na sacola, despediu-se do capitão Dentenegro e desceu do cesto da gávea o mais rápido

que pôde. Quando a bandeira pirata que tremulava sobre elas ficou do tamanho da unha do polegar de Hilary, a gárgula espiou pela sacola.

— Até que não foi tão ruim — ela disse, embora houvesse alguma incerteza em sua voz. — Pelo menos Dentenegro não nos fez andar na prancha.

— E nunca fará, se eu puder evitar. — Hilary deu um impulso para se soltar das cordas e caiu pesadamente sobre o convés. — Não se preocupe, gárgula. Da próxima vez que virmos o capitão Dentenegro, ele estará finalmente nos concedendo nossa medalha. — Ela lançou seu olhar mais terrível sobre os piratas que haviam se juntado ao redor, o que os mandou correndo de volta aos seus postos. Ótimo, pensou; talvez aquilo os impedisse de espalhar outros rumores absurdos sobre seu comportamento.

Twigget esperava Hilary perto do caixote escrito BOTAS, lixando as unhas com a lateral da faca. Ela marchou em sua direção de uma maneira que imaginava ser perfeitamente pirática.

— Sr. Twigget — disse. — É melhor que devolva logo minhas coisas. Estou indo fazer algo corajoso e ousado, e não posso começar sem meu sabre.